

# CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UM DEBATE EPISTEMOLÓGICO

## CONSTRUCTION OF HISTORICAL KNOWLEDGE AND HISTORICAL AWARENESS: AN EPISTEMOLOGICAL DEBATE

DIAS, Deyse Vivian \*

<https://orcid.org/0000-0001-5577-4597> 

FRANÇA, Victor Hugo de Almeida \*\*

<https://orcid.org/0000-0002-4193-0701> 

**RESUMO:** O presente texto tem por objetivo expressar as construções do pensamento histórico conforme a História se consolidou como uma ciência que produz conhecimento verdadeiro e fiável. Em uma análise epistemológica, busca-se analisar o processo de formação da identidade e da consciência histórica, que ocorre de modo contínuo. Assim, esse trabalho tem o intuito de evidenciar a importância da reflexão acerca dos conhecimentos científicos dentro do ensino de História e a função social do indivíduo na sociedade.

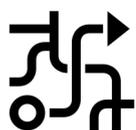
**Palavras Chaves:** Conhecimento histórico; Ciência histórica; Consciência histórica.

**ABSTRACT:** This text focus is pointed to express the constructions of historical thought as history has consolidated itself as a science that produces true and reliable knowledge. In an epistemological analysis, it seeks to analyze the process of formation of identity and historical consciousness, which occurs continuously. Thus, this work aims to highlight the importance of reflection on scientific knowledge within history teaching and the social function of the individual in society.

**Keywords:** Historical knowledge; Historical science; Historical consciousness.

\* Acadêmica do 6º período do curso de História. Bolsista do PET História. E-mail: [deysedias429@gmail.com](mailto:deysedias429@gmail.com).

\*\* Acadêmico do 4º período do curso de História do CPTL. E-mail: [vhugo012@hotmail.com](mailto:vhugo012@hotmail.com).



## INTRODUÇÃO

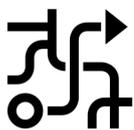
A afirmação da História como fundamentada em um método empírico que expresse uma verdade e fiabilidade científica são importantes para trilhar os caminhos pelos quais a ciência histórica se construiu no Brasil e no mundo. Todavia, os limites de verdade apresentados pela historiografia muito se alteraram conforme a História se construía ao longo do século XIX e XX.

O presente texto tem por objetivo apresentar um panorama epistêmico acerca da construção do conhecimento histórico, pensando como a escrita da história se altera conforme a influência de determinadas correntes historiográficas, e debater como a didática da História se torna a principal ferramenta para a formação de uma consciência histórica nas sociedades humanas. Ademais, busca-se entender alguns pressupostos de verdade histórica e como as construções sobre a identidade e o papel do historiador são importantes para a apreensão de um conhecimento científico fiável.

Em um primeiro momento, desenvolve-se as concepções de História e historiografia, de modo que, entender como se deu a construção das ciências humanas, especialmente a histórica, possa auxiliar na compreensão da ciência pela qual nos deparamos epistemologicamente no presente. Assim, as abordagens comtianas positivistas no século XIX, tinham por objetivo aplicar os métodos empíricos das ciências naturais, também, nas ciências humanas. Todavia, as humanidades apresentam maior complexidade quanto as questões subjetivas que só podem ser analisadas a partir da construção de um método próprio de apreensão dos acontecimentos humanos. Assim, é nas primeiras décadas do século XX que a Escola dos Annales traz outras perspectivas acerca das formas com que se constrói a historiografia, de modo a apresentar um método próprio de observação dos documentos históricos.

A Escola dos Annales surge na década de 1930, com a revista francesa *Organizada por Marc Bloch e Lucien Febvre*, os quais fundam a importante escola historiográfica responsável por questionar e transformar o método positivista na historiografia, de modo a instituírem novos métodos empíricos de observação das fontes e de ampliação do leque para tal análise documental.

Aqui, vale ressaltar que o conhecimento histórico produz uma representação confiável da realidade e, para isso, se faz necessária a presença do historiador para a análise dos fatos humanos. O campo historiográfico, à partir de seu método, tem sua especificidade



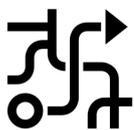
da forma explicativa do conhecimento histórico que, ao incorporar a problematização e a crítica, distancia-se das tramas da narrativa de ficção (GABRIEL, 2012, p. 194).

Assim como salienta Stone em “O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história” (1991), no transcurso do século XX, uma historiografia que prezava pelo documento escrito, pela análise sequencial de dados e que, vezes, se baseava em um único parâmetro de análise, pôde ser repensada quanto a importância da memória e das identidades individuais e coletivas. É de tal processo que nasce uma historiografia antropológica, que passou a tratar os seres como passíveis de historicidade.

Para tanto, o conhecimento construído pela historiografia e como ele se traduz para a formação de uma consciência histórica é importante na análise epistemológica acerca de tal temática. A aprendizagem histórica, apoiada na Didática da História, a qual reelabora didaticamente a ciência histórica, é essencial para o sujeito e a para a formação da consciência histórica.

A Didática da História, assim como a ciência histórica, se completa dentro do ensino de história, de modo a utilizar do conhecimento fiável e da sua reflexão sistemática para aprimorar o processo de aprendizagem dentro do ensino formal. Além da relação da didática com a teoria, existe também a relação entre o saber histórico acadêmico e o aprendizado informal que resulta da história dos lugares de memória coletiva e veículos midiáticos. O ensino de história é responsável por abarcar as diversas esferas que permeiam sua historicidade e o contexto em que o indivíduo está inserido, pois o indivíduo lida com toda forma de aprender e a partir disso se forma a consciência histórica, tendo em vista a inerência desse aspecto na formação dos seres humanos. É a partir do processo de estruturação prática nos meios de escolarização que tal consciência se traduz no vínculo do sujeito para com o meio social.

Tal processo de formação de uma consciência histórica se dá por um processo contínuo de aprendizagem e, o ensino regular, é um dos principais fatores para tal desenvolvimento. A aprendizagem se traduz como algo em movimento contínuo, em outras palavras, configura-se com o sujeito, que sempre está aprendendo algo ou deduzindo, assim, tudo é um constante processo para se aprender cada vez mais. A história é transformadora, assim, além da apreensão do conhecimento histórico, requer-se do indivíduo ter o entendimento de conhecimentos multidisciplinares e não apenas o histórico: a didática da História depende de um saber multifacetado e de uma rede fatorial de conhecimentos (MARTINS, 2017, p.24). Aprendizagem histórica está ligada a competência sociocultural, já



que só pode transformar o ser humano a partir de algo com um significado histórico, que esteja também ligado a um presente que condiciona os questionamentos ao passado.

## A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

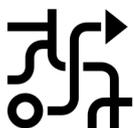
O surgimento da História como uma ciência humana, desvincilhada de uma forma tradicional e amplamente vinculada a filosofia, no século XIX é interposto por tentativas de se construir o novo campo de saberes como dotado de uma verdade absoluta e imutável. Tal processo se deveu-se, principalmente, ao método empírico, que, mesmo permitindo um grande avanço científico e tecnológico nas sociedades, negativou e clivou a ideologia e a ciência. As ciências humanas surgem de tal processo dicotômico e positivista.

Assim, a teoria de Augusto Comte buscou reproduzir métodos das ciências naturais nas humanas. Todavia, enquanto as ciências humanas começam a ser pensadas teoricamente e metodologicamente, as ciências naturais, suas leis e métodos já estão consolidadas em seus campos específicos e, por essa razão, o método positivista não se constituiu como adequado para a construção da ciência histórica.

Em contrapartida, no século XX, diversos movimentos historiográficos, principalmente os Annales e a escola de Frankfurt, passam repensar tais teorias positivistas e questionam as formas com que o conhecimento e as verdades históricas eram produzidos e analisados. Por conseguinte, aos poucos, a História passou a se constituir como a ciência que questiona as verdades absolutas, em sua maioria oficializadas, e institui uma verdade temporária, que varia conforme os contextos em que o acontecimento é analisado.

A escrita da História também se modifica drasticamente com o repensar da metodologia histórica no início do século XX. De uma historiografia marcada pela narrativa descritiva e pouco problematizadora, os novos historiadores buscaram transformá-la em uma historiografia analítica. Portanto, as narrativas foram abandonadas pelo fato de não se explicarem os porquês e desenvolverem-se apenas a relação entre causa e consequência. A influência marxista e da metodologia científica também foram importantes fatores para tais mudanças, visto que os historiadores passaram a se interessar em sociedades e não indivíduos, assim, se explica a necessidade da análise serial de dados. (STONE, 1991)

Todo o processo que a historiografia sofreu nas primeiras décadas do século XX possibilitou a percepção da produção histórica baseada em uma rede fatorial multidisciplinar. É de tal conceito que Estevão Resende Martins desenvolve seu texto “O conhecimento histórico e sua rede fatorial” (2017). Nele, o autor busca salientar como a



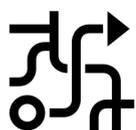
verdade histórica é construída a partir de pressupostos teóricos e metodológicos que afirmam a análise dos acontecimentos passados. Todavia, essa verdade não é imutável, ela é temporária até que outra teoria se prove. O conhecimento e a ciência são progressivos e não estagnados: cada produção é importante para a construção do conhecimento, mesmo que seja refutada por outra.

A Teoria da História questiona sempre o processo de construção da ciência histórica e da fundamentação de métodos, de modo a legitimar as formas de construção dos conhecimentos e mecanismos de produção de desenvolvimento de competências para se aprender e entender os aspectos que dizem respeito ao passado humano. No texto, Martins defende a história como uma ciência que tem métodos confiáveis, sem que se produza um conhecimento absoluto/pleno. A ideia de ciência histórica sempre se altera.

Portanto, o conceito de história, diz respeito ao acontecimento propriamente e do processo de reconstituição do mesmo pela historiografia, uma análise de formas e nuances. A teoria da História busca exatamente compreender como se dá o processo de construção da historiografia e os aspectos relacionados a ela. Portanto, a epistemologia “não investiga diretamente o passado humano” (MARTINS, 2017, p.27), mas como o acontecimento foi trabalhado pela historiografia.

Marc Bloch, em “Apologia da História ou o Ofício do Historiador”, publicado após sua morte em 1949, por mais que a História estude os acontecimentos anteriores, os conhecimentos para a produção historiográfica estão situados no presente, visando a compreensão da estruturação da atualidade com objetos passados, contudo, não somente o passado é o objeto de pesquisa e sim a ação humana no passado. Assim, a análise histórica é um conjunto interdisciplinar, já que as ações humanas podem se tornar objeto de pesquisa do historiador junto de seus questionamentos. Nesse sentido, História, para o autor, não se cria sozinha. Entretanto, a história construída no imaginário de certo indivíduo não é suficiente para os estudos da ciência histórica pois esta memória individual, além de possuir teor sentimental, se mostra desordenada e narra apenas fatos ocorridos de acordo com o que se lembra e, a memória é muitas vezes falha.

Segundo Martins (2017), o valor de verdade é um recurso de aceitabilidade da produção. Todavia, “os historiadores não investigam apenas ‘fatos’, mas constroem ou reconstroem contextos abrangentes que os articulam” (MARTINS, 2017, p. 31). O que importa não é somente o fato, mas todo o complexo processo que levou ao acontecimento e tudo o que está por trás dos bastidores. Portanto, o conhecimento adquire um caráter relacional entre o sujeito, objeto e as relações sociais que os permeiam. A representação



coletiva e as mentalidades evidenciam que os sujeitos estão sempre interpostos em ideias de mundo.

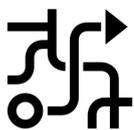
## **VERDADE E TEMPO: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

A verdade é uma circunstância dependente do tempo entrelaçado em uma rede complexa de espaços e interações. Segundo Estevão Resende Martins, na história, a memória acumulada pelas culturas históricas “evidencia que a busca da verdade [...] é uma constante na organização social do saber” (MARTINS, 2017, p. 37). Desse modo, somente entendendo essa premissa da história produzindo um conhecimento científico dentro de uma constante antropológica, a ciência pode se tornar confiável. O ser humano produz conhecimento e cultura a todo tempo, de modo que o mundo e suas relações são definidos por tais produções, fazendo-se compreender tais indivíduos como ativos de um processo histórico-cultural.

A teoria da história busca compreender o mundo em suas especificidades, de modo a sempre demonstrar suas bases de produção. Deve-se levar em conta três questões: a estrutura que busca compreender fidedignamente, os acontecimentos e estabelecer uma distinção entre o ocorrido, a narrativa e as interpretações históricas. O historiador, ao escrever qualquer texto deve narrar o passado, sempre reconhecendo que a história não reproduz os acontecimentos e sim capta nuances. Ao historiador, cabe o papel de investigação a partir de vestígios. A estrutura do pensamento histórico está amplamente vinculada a tal pensamento.

Por conseguinte, a qualidade historiográfica deriva da consistência textual e empírica: não se pode somente inventar as dimensões dos acontecimentos passados. Não existe texto histórico sem fontes, história se faz com documento, seja ele oral, escrito ou material. A capacidade de convencer é outro aspecto que interpola a produção do texto histórico: a história é ciência ou literatura?

Quando o historiador trabalha as fontes do seu objeto de estudo, a investigação metódica de tais, para atender os níveis estipulados para a construção de uma produção fidedigna, entra em ação, de modo que a produção historiográfica seja denominada a partir de uma noção de metanarrativa: uma narrativa que se fundamenta em outras. “Toda pretensão de verdade carece de demonstração efetiva no texto resultante da investigação” (MARTINS, 2017, p. 48): é daí que o método e o trabalho comprobatório das fontes entram em ação na produção historiográfica. Assim, ao ler um documento da historiografia, não se pode



simplesmente decretar veracidade: se fazem necessárias a análise da simples verossimilhança e uma abordagem crítica que se utilize da hermenêutica (interpretação de sentidos) e da heurística (decisão racional da análise documental).

Portanto, a história não é a ciência do passado, é a ciência dos homens no tempo (BLOCH, 2001). O historiador tenta compreender demandas, o aqui e o agora. O método científico busca sempre a imparcialidade: o objetivo não é apelar e sim se valer. Assim, considerar a verdade como filha do tempo é nada mais que um ceticismo. Deve-se compreender que o método é um caminho para a verdade, de modo a compreender as tessituras das redes fatorias formas de se construir verdades fiáveis na pesquisa documental.

## CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, DIDÁTICA E O ENSINO DE HISTÓRIA

A educação pode ser considerada o meio mais importante para o desenvolvimento da humanidade, ela ajuda na formação da consciência histórica e aquele que possui educação pode ter mais acesso aos bens culturais, constituindo-se como um fim em si mesmo. Segundo Martins (2017) a meta é a autoeducação, tudo pode ser transformado por meio do conhecimento. A educação formal (no ambiente escolar) não é o único meio de formação da consciência histórica, ela também é construída em outros ambientes como: museus, teatros, cinema, entre outros e, portanto, a dimensão estética da cultura histórica também se qualifica como um conhecimento. O saber histórico e a consciência histórica têm uma relação de interdependência dentro da rede de ensino formal ou informal instituído pela sociedade, sendo considerado um fator cultural.

A consciência histórica é uma junção de conceitos e fatores, já que para se chegar a ela se faz necessário refletir sobre o que é memória histórica, aprendizado histórico e cultura histórica. O processo de consciência se inicia com experiências ocorridas com os indivíduos no meio sócio-cultural e vai progredindo de acordo com o tempo e espaço em que estão inseridos. A consciência histórica é desenvolvida de forma natural e também dogmática, face a ajuda de determinados fatores considerados importantes para historiadores ou pesquisadores que podem ter diferentes significações.

Vemos que a consciência histórica passa por um processo dentro das escolas e também no meio sociocultural, para então ser formada. A cultura e valores são enraizados dentro do agente estruturando-se com a ajuda da memória histórica, assim, tais



experiências são construídas de acordo com as vivências do sujeito e reflexões acerca dos acontecimentos. A consciência histórica é formada com o tempo, por isso ela depende do meio que o indivíduo está inserido, sendo então relativa, pois depende de alguns fatores para se concretizar.

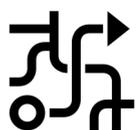
A narrativa histórica apresenta uma grande relevância para se obter histórias do passado, que auxiliaram na formação e entendimento da consciência histórica, porque é possível ter compreensão que quando se busca no passado experiências para serem utilizadas no futuro estará utilizando a narrativa como interceptora, até mesmo quando se utiliza a memória histórica.

Sendo o ser humano um ser essencialmente social, a consciência histórica é construída a partir de todo um processo amplo de aprendizagem e percepção da cultura social. Por conseguinte, é preciso separar os dois modos: a razão da história e a história viva. A razão, é refletida pelo lado dos estudos, pesquisas e da prática científica em geral. Já, naquilo que se refere à história vivida, a consciência é construída com fatos da memória histórica e experiências do passado. Pensando nas duas maneiras, elas apresentam uma relação entre si, pois a reflexão é sempre um papel de suma importância em ambos processos. (RÜSEN, 2006)

A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre de novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade de aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida. (RÜSEN, 2007: 94 apud BARROM; CERRI, 2011 p.5)

Rüsen destaca em sua fala o aprender, da relação entre conhecimento e consciência. Ao introduzir dentro do ensino de história realiza-se a complementação entre um e outro, o que, por sua vez ocasiona a transformação da práxis. Assim, a aprendizagem histórica é de suma importância para a formação da consciência histórica e quando uma identidade histórica é formada ela leva o indivíduo a melhor se situar e se posicionar dentro da sociedade.

É importante entender que a didática e a ciência são importantes para o indivíduo, as duas se completam. Em determinado momento a didática da história, de forma empírica



e integrada com a ciência histórica, para que se pense de forma socialmente institucionalizada e profissionalmente regulamentada.

A ciência e a didática histórica contribuem para a construção da consciência histórica, por meio da junção da teorização e de debates pessoais. Essas duas áreas da história são necessárias para o ensino, nenhuma se sobressai a outra, pois o aprendizado é um processo que depende da narrativa e a partir disso se questiona o que a narrativa traz e também suas fontes e isso se torna uma reflexão da ciência. (BERGMANN, 1989/1990)

A didática da história e ciência da história dialogam criticamente com o presente e o futuro: a história não pode ser unicamente reconhecida como a ciência do passado. A História está sempre respondendo a problemas e toda especialidade precisa estar conectada com um mundo da vida. O campo epistemológico da História sempre se questiona da importância da história para a vida, desmitificando valores, questionando entre realidade histórica, partindo de novos problemas, derrubando modelos e instituindo continuamente novas possibilidades de orientação. Ao se aprender a pensar com o pensamento histórico, a didática da história é uma maneira particular de se orientar a partir de procedimentos metodológicos e com isso aprender a questionar a realidade (BERGMANN, 1989/1990).

A história passou por mudanças ao longo do tempo, ela deixou uma visão mais tradicionalista para se inserir no ensino escolar, estabelecendo uma relação com a natureza (RUSEN, 2006). Além de se preocupar com a escolarização, ela se relaciona com a vida, questionando valores históricos para não se tornar fatos naturalizados, porque o mundo está em constante mudança, então um ato que é considerado certo perante a sociedade, pode passar a ser visto como errado. As narrativas são questionadas, até porque os agentes históricos são outros.

O ensino de história forma o indivíduo para o meio social e é importante pensar como a didática da história influencia nesse processo, pois é importante formar uma consciência que depende de diversos fatores.

O ambiente escolar ainda é conservador, e precisa seguir uma linha de raciocínio que se aproxima mais da teoria da história, pois a natureza das questões do ensino decorrem da Teoria, assim, é pedido para os alunos aprenderem o conteúdo de forma mais objetiva, mas é perceptível a importância da didática dentro do ensino, ela tem uma dimensão empírica, reflexiva ajudando na formação da identidade do sujeito. A consciência histórica do indivíduo é um ponto primordial para conduta do sujeito perante o meio social. (BERGMANN, 1989/1990)



O professor de história tem um papel importante dentro do ambiente formal, ele precisa entender a parte teórica e prática e com isso ir se adequando para transmitir conhecimento. Antes de mais nada ele precisa entender de história e dos processos de identidade, pois esse processo de aprendizagem faz parte da formação da consciência histórica dos alunos, e também não se deve ignorar o conhecimento adquirido antes da escola. Então a didática ajuda a responder questionamentos do presente e visa a qualidade na formação do professor, para cada vez mais ter melhoria no ensino de história.

O conhecimento é transmitido dentro da sala de aula e também em outros ambientes, por exemplo, cinema, teatro, meio familiar, igreja, entre outros, então o desenvolvimento da identidade é importante para definir quem é o indivíduo, dentro e fora da escola. Conhecimento é ato político que perpassa os muros da escola, visando a construção de uma cultura sócio-histórica. (GABRIEL, 2015)

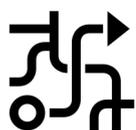
A história é uma disciplina necessária e complexa de se aprender, cada sujeito é diferente e conseqüentemente aprende de forma diferente, um aluno do ensino fundamental não vai aprender como um aluno do ensino médio, então a reconfiguração do saber histórico para cada fase é imprescindível no aprendizado histórico, além da aproximação com o cotidiano dos alunos ajuda a compreender melhor o conteúdo que precisa ser passado (SCHMIDT, 2015). O processo de aprendizagem histórica é constante e quantitativo, então os métodos de ensino e aprender precisa ser mudada sempre que necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se concluir que a História traçou muitos caminhos para se consolidar como uma ciência que produz um conhecimento científico fiável. Desde a ascensão no século XIX, a metodologia utilizada pela historiografia sofreu diversas alterações, as quais são objeto de estudo da teoria da História.

Em primeiro plano, a história se construiu nas bases da metodologia das ciências naturais. Assim, a historiografia positivista apresentava um forte caráter narrativo e pouco analítico: ela se atentava em como aconteceu e não o porquê aconteceu, de modo que tal método não pôde ser suficiente para expressar limites para a consolidação de uma produção fiável de conhecimento sobre o passado.

Com as transformações epistemológicas provocadas pelos Annales e a Escola de Frankfurt, a historiografia mundial passou a se alterar, de modo a modificarem a escrita da



história para um método amplamente analítico dos acontecimentos históricos. Tal metodologia ainda se mostrou rígida quanto ao reconhecimento de outras fontes além do documento. É com a Terceira Geração dos Annales que a historiografia reformula e traz novos tipos de fontes históricas para a produção do conhecimento científico.

A História faz parte da construção da formação da consciência histórica. Ela estabelece uma relação entre a prática e a teoria e as duas se completam, o conhecimento histórico apresentado de forma objetiva é importante para dar base aos questionamentos que forem levantados a partir disso. A reflexão junto com a experiência vivida leva a melhor forma de aprendizagem, com isso o indivíduo conseguirá desenvolver melhor conduta dentro da sociedade.

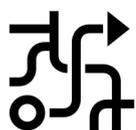
A didática da história leva a formação de pessoas melhores, conseqüentemente de um mundo melhor, porque o sujeito reflete sobre temas que são importantes, por exemplo, a história das mulheres, ditadura, questões de gênero, desigualdade social, entre outros. A consciência histórica leva os sujeitos a pensarem sobre situações do cotidiano. O processo de aprendizagem acontece em diversas instâncias da vida, sendo no espaço social e escolar e contribui para a formação da consciência histórica. O sujeito aprende a pensar com a história e através da história, a didática proporciona uma maneira particular de pensar a partir de procedimentos metodológicos e com isso aprender a questionar a realidade.

Com isso aprendemos que o processo de formação da consciência histórica é relativo e é preciso ter uma formação sólida dentro do ensino formal, juntamente com uma base cultural para não se cometer os mesmos erros do passado, e chegarmos a uma “verdade” sabendo que aprendemos em todo momento, assim quando se forma uma consciência histórica entende-se História como ciência.

O ensino formal ajuda a construir uma identidade histórica, indivíduo sem medo de enfrentar desafios e com uma visão de mundo, uma opinião formada sobre o que é melhor para seu meio cultural. O recorte de tempo e espaço exerce grande influência no que o sujeito vai aprender.

Conhecimento e consciência histórica estão associados, uma depende da outra, durante a vida que vai se adquirindo conhecimento histórico, vai sendo formado também a consciência histórica, sendo assim todas as fases e acontecimentos na sociedade, no ensino formal são importantes e contribuem para a identidade histórica.

Não existe uma verdade absoluta, por justamente existir diversas versões sobre o mesmo fato, mas o historiador com a ajuda de tudo que foi visto até o momento, como aprendizagem, consciência, identidade, pesquisa, entre outras coisas pode tirar conclusões



daquilo que mais se aproxima da verdade, que se refere a todo um conjunto de análises acerca de um ou vários acontecimentos. A consciência histórica forma sujeitos coerentes e prontos para se situar perante a sociedade sendo esse o objetivo do conhecimento histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGMANN, Klaus. *A História na Reflexão Didática*. Dossiê História em Quadro Negro: escola, ensino e aprendizagem. Revista Brasileira de História. São Paulo: vol. 9, n. 19, p. 29-42, set. 1989/fev.1990.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GABRIEL, Carmem Teresa. Cultura histórica nas tramas da didatização da cultura escolar (ou Para uma outra definição de didática da história). In ROCHA, Helenice; MAGALHAES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015.

MARTINS, Estevão de Resende. O conhecimento histórico e sua rede fatorial. In: MARTINS, Estevão C. de Resende. *Teoria e Filosofia da História: contribuições para o ensino de História*. Curitiba W e A Editores, 2017. p. 15-36.

MARTINS, Estevão de Resende. Veritas filias temporis? O conhecimento e a distinção entre filosofia e teoria da história. In: MARTINS, Estevão C. de Resende. *Teoria e Filosofia da História: contribuições para o ensino de História*. Curitiba W e A Editores, 2017. p. 37-59.

RUSEN, Jorn. E o Ensino de História. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso Alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. V. 1, n. 2, 16, jul. – dez. 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Consciência histórica e aprendizagem: teoria e pesquisa na perspectiva da educação histórica. In ROCHA, Helenice; MAGALHAES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. *O ensino de História em questão: cultural histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

Recebido em: 15/09/2020  
Aprovado em: 23/11/2020